

OS USOS DO ATÉ: FLUIDEZ DO ITEM E DELIMITAÇÃO DE PARADIGMAS

Leosmar Aparecido da Silva*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem por objetivo descrever e analisar como o item “até” é abordado nos dicionários etimológico e de língua portuguesa, nas gramáticas prescritivas, na gramática de usos do português e em alguns dados de língua falada.

Para isso, dividiremos o artigo em três seções básicas: na primeira falaremos do *até* nos dicionários, ao mesmo tempo em que falaremos da etimologia do item; na segunda, abordaremos de forma comparativa o tratamento do *até* nas gramáticas prescritivas; e, na terceira parte, teceremos considerações sobre o *até* na gramática de usos do português.

Em praticamente todas as seções, analisaremos comparativamente dados de língua falada, retirados de um *corpus* sistematizado de falantes nascidos ou chegados até os treze anos na cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás. O *corpus* é composto por doze informantes, seis do sexo masculino e seis do sexo feminino, os quais apresentam escolaridade variada. Alguns não possuem escolarização, outros cursaram até a quarta série primária. Em relação à idade, os informantes foram divididos em três faixas etárias, uma que compreende falantes de 25 a 35 anos de idade, outra que compreende usuários da língua entre 36 e 45 anos e, por último, pessoas que possuem mais de 55 anos de idade.

2. O ATÉ NOS DICIONÁRIOS

Para esta análise, trabalhamos com três dicionários: o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*, de Cunha (1986); o *Moderno dicionário da língua portuguesa*, de Michaelis (1998); o *Novo dicionário Aurélio*, de Holanda (1999) e o *Dicionário brasileiro de língua portuguesa 1-A*, da Barsa Planeta Internacional Ltda (2001).

Cunha (1986, p. 79) indica que o *até* surgiu do árabe (*hattā*) e, no século XIII as formas *ata* e *ate* conviveram. No século XIV predominou a forma *ataa* até chegar à forma do português moderno “até”, definida pelo autor como preposição que indica limite a que se chega no espaço, no tempo, na ação, na quantidade ou intensidade.

Como se vê, as informações do dicionário etimológico são limitadas se considerarmos a história polêmica do surgimento do *até*. Segundo Viaro (2001), a forma mais antiga do *até* é *ata*, associada à preposição espanhola *hasta*. A hipótese de Steiger (1932 *apud* Viaro (2001) de que o *até* tem sua etimologia no árabe foi aceita somente por causa da existência da forma *ata*. Silva Neto (1958 *apud* Viaro, 2001) propõe outra etimologia, a do latim *ad tenus*, já que, nos textos antigos, há uma grande variedade de

* Mestrando em letras e linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

outras formas, dentre elas *ata*, *ate*, *atro*, *tra*, *ta*, *te*, *tro*, *troes*, *atê*. Com essa proposta de etimologia, o autor tenta explicar alguns problemas fonéticos, porém, ela constitui uma etimologia de exceção, segundo Viaro (2001), tendo-se em vista que *tenus* é rara no latim, assim, apareceria apenas no português e nula nas outras línguas românicas. Esse problema apontaria para uma exceção românica, uma espécie de preciosismo conservado pelo português.

Da mesma forma que Viaro (2001), Poggio (2002) descreve as duas hipóteses de surgimento do *até*: a árabe e a latina. Silva Neto (*apud* Poggio, 2002) afirma que há contribuições e interferências das diferentes isoglossas do norte e do sul de Portugal, provocando concorrências entre várias formas dessa preposição até o século XV. Ainda segundo o autor, as formas do sul, de território moçárabe, *ata* e *atá* são de origem arábica e foram levadas para o norte, onde se encontravam com as formas *ate*, *atees* e *atees*, surgidas do latim *ad tenes* (*ad tenus* + *fine*), que também se expandiam para o sul e daí surgiam várias formas concorrentes, dentre elas *atães* (*atá* + *atees*), *ataes* (*atá* + *atees*) e *ataas* (*atá* + *atees*). O autor acredita que foi na região de Beira, intermediária entre o norte e o sul, que se deu a escolha e a vitória da forma *até*.

Viaro (2003) propõe uma terceira hipótese para o surgimento do *até*. Teria origem nas formas latinas *intro* / *intra*, ou também *intus* e *intus ad*. Há indícios de que essa seja uma forte hipótese pelo fato de as formas *intro* / *intra* possuírem maior distribuição entre as línguas românicas. Além disso, tal hipótese resolveria irregularidades de ordem fonético-diacrônicas.

Há um consenso entre os dicionários Michaelis (1998), Holanda (1999) e Dicionário Barsa de Língua Portuguesa (2001) em considerar o *até* como preposição e como advérbio. Holanda (1999) e o Dicionário Barsa (2001) explicitam a segunda hipótese de etimologia do item (*ad tenus*). O Dicionário Barsa (2001), porém, por ser o mais recente, coloca em dúvida a origem do termo ao usar uma interrogação logo após a descrição da forma latina (1 *ad* + *tenus* ?). Em ambos os dicionários, é possível perceber praticamente a mesma consideração de valor semântico do item, ou seja, o *até* será preposição quando indicar limite no tempo, no espaço, nas ações, na quantidade... e será advérbio quando puder ser substituído por “ainda”, “mesmo”, “também”:

Até: [do lat. *Ad tenus*] prep. 1. Indica um limite de tempo, no espaço, ou nas ações: “galgou ligeiramente as escadas até o segundo andar.” (Artur Azevedo, *contos fora de moda*, p. 38); trabalhou até ficar exausto; D Pedro II reinou de 1840 até 1889. Adv. 2. ainda, também, mesmo: fala bem de todos, até dos inimigos. Até a. Até (1): chegou até o cume. (Holanda, 1999,)

Até, prep (1 *ad* + *tenus*?). Designa ou limita o fim ou termo de ação, distância, quantidade, tempo etc. **Até a:** o mesmo que **até**. **Até que:** até o momento em que. **Até amanhã:** fórmula de despedida entre pessoas que esperam encontrar-se no dia seguinte. **Até à medula:** até ao último ponto; excessivamente. **Até a medula dos ossos:** até ao mais íntimo do corpo; profundamente. **Até ao infinito:** o mesmo que ao infinito. **Até aos olhos:** muito, excessivamente, a mais não poder ser. **Até à ponta dos cabelos:** até mais não poder ser. **Até à raiz dos cabelos:** o mesmo que **até à ponta dos cabelos**. **Até às últimas:** ao extremo, a mais não

poder. **Até à vista:** fórmula de despedida entre pessoas que esperam encontrar-se somente após longo tempo. **Até breve:** o mesmo que pessoas que esperam encontrar-se dentro de breve tempo. **Até mais ver:** até à vista, até novo encontro, até outra vez. Adv. Ainda, mesmo, também. **Até o Chico viu de baixo. Loc. Adv. Pop.** Demoradamente, por tempo indeterminado. (Dicionário brasileiro de língua portuguesa 1-ª Balsa Planeta Internacional, 2001, p. 214)

Em Michaelis (1998), há informações sobre duas das possíveis origens do *até*: a do árabe *hatta* e a do latim *ad tenus*. Segundo esse dicionário, como preposição, o *até* expressa relações de limitação no espaço, no tempo, nas ações e na quantidade. Holanda (1999) e o Dicionário Balsa dizem que, como advérbio, o *até* pode ser substituído por “ainda”, “mesmo” e “também”. Michaelis (1998), contudo, restringe para *mesmo* as possibilidades de se parafrasear o *até* advérbio de inclusão. Essa restrição, porém, é problemática, uma vez que, no exemplo dado pelo próprio dicionário (“respiravam e *até* transpiravam”), a substituição por paráfrase não recruta de forma ajustável as relações semânticas estabelecidas pelo *até*, o que torna necessário recuperar o contexto de onde o exemplo foi retirado. Vejamos o que diz o referido dicionário:

Atá 1 prep. Ant (ar. *Hatta*) até.

Até. Prep. (lat *ad* + *tenus* ou ár *hatta*). Expressa relações de: 1 limitação no espaço: chegou até a janela. 2 limitação no tempo: até 20 de maio. 3 limitação: até 200 dólares, até o fim; comer até saciar-se. Advérbio de inclusão: mesmo: “respiravam e até transpiravam”. (Michaelis, 1998, p. 249).

Fato interessante a ser observado em Michaelis (1998) e, especificamente, no Dicionário Balsa (2001) é que expressões idiomáticas cristalizadas do português, em que o *até* está presente, são dadas como exemplos de usos recorrentes do item e posteriormente são explicados os seus sentidos. Esse fato sugere que estamos seguindo os indícios certos de que o “até” está em processo de mudança de seu *status* categorial. Em outros usos não-cristalizados do item, retirados de nosso *corpus* de língua falada, verifica-se muito mais que a tradução linear da expressão. Verifica-se, em alguns casos, que o *até*, por indicar limite, introduz o enunciado mais saliente de um conjunto de enunciados. Ele acentua a ocorrência de um estado-de-coisas que não estava previsto pelo locutor, nem pelo interlocutor da situação comunicativa. Com isso, conduz o enunciado a uma conclusão. Vejamos o exemplo (1):

(1)... eu num tava mim sentido bem na religião católica... eu ia na igreja num sentia nada lá dentro... eu ia simplesmente pra... ficá reparano os outro até rino... num tinha num era fé... nem ia na igreja... num ia mais meu esposo ia... eu resolvi... tomei uma decisão i passei pra igreja de Cristo... hoje graças a Deus eu sô crente... não arrependo de sê crente gosto muito... (Inf. 4, G3, F, D)

Na seqüência verbal acima descrita, é possível observar que a informante relata que mudou de religião (passou da igreja Católica para a igreja de Cristo). Para justificar sua conversão, ela apresenta alguns motivos:

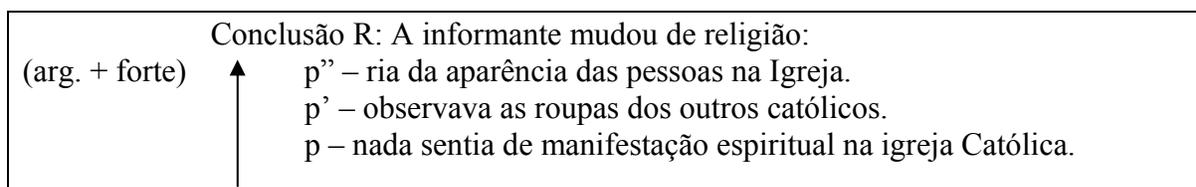
Motivo 1: ela nada sentia de manifestação espiritual na igreja Católica.

Motivo 2: ela observava (roupa/ aparência) de outros católicos que iam à Igreja.

Motivo 3: chegou ao ponto de rir das pessoas.

Conclusão: Mudou de religião.

Na escala argumentativa apresentada por Ducrot (1972), teríamos um **até** operador argumentativo revelando o argumento mais forte do enunciado, conforme a representação gráfica abaixo:



Dessa forma, apesar de peremptórias, as acepções dos dicionários já apontam para uma certa fluidez do *até* no sistema lingüístico ao considerá-lo preposição ou advérbio e ao mostrar seus diferentes usos e respectivos sentidos, mesmo que eles não façam parte de um *corpus* sistematizado de língua falada, que, segundo Tarallo (1996, p. 19), “é o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

3. O ATÉ NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

As gramáticas normativas que nos serviram de base para análise são a *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2001), *Gramática metódica da língua portuguesa*, de Almeida (1997) e *Gramática da língua portuguesa*, de Cunha (1994).

Ao terminar de prescrever sobre a classe dos advérbios, Bechara (2001, p. 291) abre espaço para uma observação, na qual afirma:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc, à parte, sem a rigor inclui-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas.

Dentre as “palavras denotativas de inclusão” está o *até* que é explicitado no exemplo: “*até* o professor riu-se”. A partir da citação e do exemplo dado, é possível perceber que, embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira aborde o *até* apenas como palavra denotativa de inclusão, Bechara parece reconhecer o valor funcional, semântico e sintático do item em situações textuais e/ou discursivas ao dizer que “fatores estranhos às

relações sintático-semânticas” são inerentes às orações em que tais palavras se encontram inseridas.

Da mesma forma, Cunha (1994, p. 508) abre espaço para uma observação em relação às palavras denotadoras: “certas palavras, enquadradas freqüente e impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial”. Observa-se que Cunha (1994) não faz referência às funções textuais das palavras denotadoras de inclusão, exclusão, designação, realce, retificação, explicação e situação. O foco de sua informação está no fato de que tais palavras não constituem advérbio, embora, com freqüência, sejam enquadradas como tal, o que, para ele, é impróprio. Cunha (1994, p. 508) acrescenta que

as palavras denotadoras são de classificação difícil. Não devem, porém, ser incluídas entre os advérbios, pois que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio, característica desta classe de palavras.

Tomando como referência a *Teoria da Gramática Funcional*, de Dik (1989), satélites são elementos que dão uma informação complementar à predicação e que, dentre eles, estão os advérbios que podem referir-se ao predicado, à predicação, à proposição ou à elocução. Esse conceito nos faz perceber que a noção de advérbio apresentada por Cunha (1994) é limitada a elementos da frase, uma vez que, em muitas situações pragmático-discursivas, o satélite (ou advérbio) incide sobre todo ato de fala, modificando-o.

Diferentemente de Bechara (2001) e Cunha (1994), Almeida (1997, p. 335) considera, em nota de rodapé, que “até é advérbio quando empregado no sentido de *mesmo*, *ainda*: ‘podíamos até vender a casa’”. Tal classificação contraria as posições de Bechara (2001) e, principalmente, de Cunha (1994), que é categórico em afirmar que “palavras denotadoras” não constituem advérbios.

Há que se considerar, porém, que os três gramáticos concordam que o *até* constitui preposição quando indica limite no espaço (“caminharam até a escola”¹), no tempo (“até a consumação dos séculos os nossos irmãos que nascerem se reunirão como nós.”²), e nas ações (“corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira”³)

Tendo em vista o tratamento dado ao *até* pelas gramáticas normativas, é possível perceber a instabilidade categorial do item e as várias possibilidades de relações semânticas que ele estabelece, assim como foi constatado no tratamento dado pelos dicionários. Isso contribui para que os gramáticos o considerem “palavra de classificação difícil” (Cunha, 1994, p. 508), uma vez que divergem entre si. Isso atesta, mais uma vez, que o princípio funcionalista da fluidez do sistema lingüístico orienta a descrição das línguas naturais e que o uso efetivo de expressões lingüísticas é o fator essencial para a verificação do estatuto categorial de tais expressões em cada situação de interação. É o que se pretende a partir da análise a seguir, na qual verificaremos o tratamento dado ao *até* na gramática de usos do português.

¹ Bechara (2001, p. 311)

² Cunha (1994, p. 521)

³ Cunha (1994, p.298). De acordo com as postulações funcionalistas, observa-se que o uso metafórico do verbo “correr”, no exemplo dado pelo gramático, não constitui uma “ação” em si, como diz Cunha, uma vez que o sujeito agente controlador não é um nome marcado pelo traço [animado]. O verbo “correr”, nesse caso, configuraria muito mais como verbo de estado pelo fato de o sujeito (uma brisa ligeira) não agir por si mesmo, forças naturais atuam para que o fato aconteça.

4. O ATÉ NA GRAMÁTICA DE USOS DO PORTUGUÊS

Uma gramática de usos é uma gramática descritiva dos diferentes usos, funções e relações estabelecidas pelas expressões lingüísticas de determinada língua natural.

A *Gramática de usos do português*, de Neves (2000), é uma obra de referência funcionalista que mostra como a língua portuguesa está sendo usada atualmente no Brasil. Ela tem por objetivo, segundo a própria autora, “prover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua, compondo uma gramática referencial do português.” (Neves, 2000, p. 14). Dois princípios básicos da teoria hallidayana são adotados por Neves (2000) para se analisar a língua em uso: i) o texto é a unidade maior de funcionamento; ii) os itens são multifuncionais.

Considerado o primeiro princípio, o que se coloca em relevância na análise dos itens é a construção de sentido do texto. E, considerado o segundo princípio, verifica-se que, numa construção, muitos dos constituintes configuram-se em mais de uma função e, por esse motivo, é necessário analisar diferentes limites de unidade: o texto, o período, a sentença, o sintagma, a proeminência prosódica dos morfemas e fonemas de uma seqüência discursiva.

Conforme a *Gramática de usos do português*, o *até* como preposição funciona no sistema de transitividade, ou seja, ele introduz um complemento locativo ao verbo, como em: “oscilavam entre o real e o irreal: ora nossas carteiras e camas **iam até o campo e ao mar.**”⁴

A *Gramática de usos do português* diz ainda que a preposição *até* funciona fora do sistema de transitividade, estabelecendo relações semânticas em que se expressam circunstâncias de lugar, tempo, limite numérico, circunscrição (quando se marca o ponto terminal de uma série, em correlação com um ponto inicial que representa o primeiro da série. Ex.: “todas as anatomias ali se confundiam: **desde as mais raras até as mais numerosas**”⁵).

Neves (2000) reconhece o uso do *até* como advérbio de inclusão, ou seja, inclusão com incorporação de outros elementos: “eu soube **até** que ele vai usar palmatória em quem agir contra os interesses do município.”⁶

Outros usos do *até*, que não estão presentes na gramática de usos, podem ser explicitados. Um deles é o *até* que indica a intensidade de uma ação, usado em algumas regiões do Brasil, em especial, na cidade de Goiás, antiga capital do estado, de onde arrolamos o nosso *corpus*. Em (2), verifica-se que o *até* intensifica a ação de trabalhar praticada por um sujeito agente. Essa relação semântica de intensidade torna-se ainda mais acentuada pela presença do **memo** (mesmo) que vem logo em seguida. Nesse caso específico, a proeminência prosódica verificada no alongamento da vogal /e/ é o que atesta o valor semântico de intensidade:

(2) ... tem dia assim eu desanimo sabe? Fala assim ‘ai::: tem tanta gente que num trabaia tem as coisas... tem tudo... ganha...’ mais eu num quero ganha... num quero suó dos outros... eu quero o meu né? Fico pensando assim... ‘ó meu Deus porque o senhor num... num mim dá... num mim dá saúde assim suficiente... pra mim trabaia **até::: memo...** ô se

⁴ Neves (2000, p. 624)

⁵ Op. Cit. p. 626)

⁶ Op. Cit. p. 240)

não ganhá um dinherim assim... mais... qu/eu posso dá uma vida melhó pro meus fii... sabe...(Inf. 3, G1, F, C)

Além dos usos arrolados, Almeida (1999) reconhece ainda que, em alguns casos, o *até* funciona como conjunção em orações hipotáticas adverbiais, independentemente se se estabelecem relações temporais, condicionais ou concessivas, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (3) Fico esperando **até** que a igreja bata 6 horas.⁷
- (4) Eles não prosseguirão as obras **até** que lhes pague.⁸
- (5) **Até** que você venha, eu não vou.⁹

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do item *até*, realizada a partir dos dados de dicionários, de gramáticas normativas, da gramática de usos do português e de alguns dados de fala, aponta para a constatação de que o *até*, assim como outros itens gramaticais (e lexicais) do português, apresenta instabilidade categorial. São elementos fluidos, passíveis de mudança e, portanto, flexíveis em relação à taxionomia.

Essa constatação colabora para confirmar nossa hipótese de que o *até* está passando por um processo de gramaticalização que inicia num *continuum* em que relações espaciais concretas configuram-se à esquerda do *cline* e relações discursivas abstratas mais à direita desse *cline* de mudança.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. “...Até em funcionalismo cognitivo”. In: **Descrição do português: abordagens funcionalistas**. Revista Série Encontros. FCLAr/ UNESP –Ar, Ano XVI, n. 1 Araraquara, 1999.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 41 ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CAMÕES, Lúcia Maria de Oliveira. **Domínios cognitivos: espaço, tempo e movimento**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1997.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico “Nova Fronteira” da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁷ Almeida (1999, p. 361)

⁸ Op. Cit. p. 361

⁹ Op. Cit. P. 362

- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 12 ed. Brasília: FAE, 1994.
- Dicionário brasileiro de língua portuguesa 1-A. Balsa Planeta Internacional. São Paulo: Quebecor Word, Melhoramentos, 2001.
- DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/ Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica lingüística**. Trad. Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1976. (Original francês: 1972)
- HALLIDAY, M. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (org). Fundamentos metodológicos da lingüística. São Paulo: Global Universitária, 1973.
- HEINE, B.; CALUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago, 1991.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. O dicionário da Língua Portuguesa. Séc. XXI. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 5. ed. São Paulo: Ática, s/d.
- VIARO, Mário Eduardo. Considerações acerca de mudanças semânticas da preposição até no português do século XIX. São Paulo: USP, 2001. Disponível em: www.fflch.usp.br
Acesso em 12 de setembro de 2003.
- _____. “A third hypothesis for the etymology of the portuguese *até*”. In: **Revista do Gel**. São Paulo, Araraquara, vol. 1, n. 1, p. 91-100, 2004.